

Revista de Literatura,  
História e Memória



Seção:

Pesquisa em Letras no contexto Latino-  
americano e Literatura, Ensino e Cultura

ISSN 1983-1498

v. 18 – n. 31 – 2022

UNIOESTE / CASCAVEL - p. 307-323

“LIVRO DO AVESSO: O PENSAMENTO DE EDITE”,  
DE ELISA LUCINDA: UM DIÁLOGO ENTRE VOZES  
SOCIAIS

“Livro do Averso: o pensamento de Edite”, de Elisa  
Lucinda: a dialogue between social voices

Regiani Leal Dalla Martha Couto<sup>1</sup>  
Laiza Luz Martins Sant’Ana<sup>2</sup>  
Silvana Alves dos Santos<sup>3</sup>

**RESUMO:** A literatura afro-brasileira tem como fulcro o desejo de fazer reverberar vozes que foram silenciadas ao longo de muitos anos. Nesse sentido, essa literatura vem se consolidando como forma de expressão ideológica e de pertencimento de um sujeito enunciativo que ativa suas memórias para elucidar a história e a cultura de forma estética. Nesse contexto, trazemos para análise a

obra afro-brasileira “Livro do Averso - o pensamento de Edite”, da autora Elisa Lucinda. Assim, apresentamos alguns pontos de maior relevo para a temática da literatura afro-brasileira em diálogo com os pressupostos teóricos de Bakhtin e o Círculo. Para sustentar as análises, utilizamos os estudos de Bakhtin (2003), Brait (2018) e destacamos o fluxo da consciência da personagem narradora, aqui entendida como “Voz”. A partir desse *corpus* indagamos: Como o fluxo de consciência da personagem narradora representa as vozes que foram silenciadas por muitas gerações, sobretudo as de mulheres negras? Para nossa análise mobilizaremos alguns dos muitos conceitos bakhtinianos principalmente relações dialógicas, o discurso bivocal e a relação autor/personagem. Nossas análises (in)acabadas sugerem que a obra representa um posicionamento ideológico em resposta responsivamente ativa aos vários modos de apagamento da mulher negra, seja frente a sua posição social, aos seus desejos e anseios, seja frente às mazelas que a sociedade brasileira de classe baixa enfrenta em seu cotidiano, e que a personagem “Voz” é crucial para demarcar esse silenciamento de vozes na narrativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura afro-brasileira; Relações Dialógicas; Discurso; Mulher negra; Vozes sociais.

**ABSTRACT:** An Afro-Brazilian literature has as a fulcrum the desire to make voices reverberate that have been silenced over many years. In this context, this literature has been consolidating itself as a form of ideological expression and belonging to a subject who enunciates who activates his discursive memories to elucidate history and culture in an aesthetic way. In this context, we bring to the analysis the Afro-Brazilian work “Livro do Averso - o pensamento de Edite”, by the author Elisa Lucinda. Thus, we present some relevant points to the theme of Afro-Brazilian literature in dialogue with the theoretical assumptions of Bakhtin and the Circle. To support the analyses, we use the studies of Bakhtin (2003),

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso Campus Cuiabá (PPGEL-UFMT). Mestra em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Graduada em Letras pelas Faculdades Integradas de Cacoal (UNESC). Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, Campus Ji-Paraná. Líder do Grupo de Estudos em Leitura, Linguagem e Identidade Cultural (GELLIC) e membro do grupo Relendo Bakhtin (REBAK). E-mail: regiani.couto@ifro.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3961342855390473>.

<sup>2</sup> Professora efetiva de Língua Portuguesa na rede pública estadual de educação de Mato Grosso. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT). Integrante do grupo de pesquisa Relendo Bakhtin (REBAK/UFMT). E-mail: laizapap@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5918306902532515>.

<sup>3</sup> Professora de Língua Portuguesa na rede pública do Estado de Mato Grosso, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagem (PPGEL), na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Membro do Grupo de Pesquisa DLBAL/UFMT. E-mail: [silvanaalvessantos@hotmail.com](mailto:silvanaalvessantos@hotmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9746808176750563>.

Brait (2018) and highlight the stream of consciousness of the narrator character, here understood as “Voice”. From this *corpus*, we ask: How does the flow of consciousness of the narrating character represent the voices that have been silenced by many generations, above all those of black women? For our analysis we will mobilize some of the many Bakhtinian concepts, mainly dialogical relations, bivocal discourse and the author/character relationship. Our (in)finished analyzes suggest that the work represents an ideological positioning in a responsively active response to the various ways of extinguishing black women, whether in the face of their social position, their wishes and yearnings, or in the face of the ills that Brazilian class society in the face of injuries, and that the character “Voice” is crucial to demarcate this silencing of voices in the narrative.

**KEYWORDS:** Afro-Brazilian literature; Dialogical Relations; Speech; Black woman; Social voices.

## INICIANDO O DIÁLOGO

Partindo de uma concepção dialógica da linguagem, entendemos que a literatura pode ser uma significativa maneira de expressão da realidade, pois o olhar atento do autor pode nos envolver de forma artística e crítica. Nesse diálogo com o fazer literário, concebemos a literatura afro-brasileira como uma tentativa de resgatar vozes sociais silenciadas por muitos anos. Essa forma de expressão artística, cultural e literária tem como objetivo trazer à baila uma discursividade que refrata a coletividade de um povo que foi colocado à margem e retratado de maneira exótica e estereotipada pela literatura canônica.

Nessa perspectiva, muitos autores têm se destacado, especialmente, pelo papel de militância<sup>4</sup> frente a uma produção literária autêntica e relevante. Como forma de caracterizar a literatura afro-brasileira, ancoramo-nos em Duarte (2008, p.12) que nos aponta cinco critérios utilizados para configurar essa literatura.

Em primeiro lugar, a temática: ‘o negro é o tema principal da literatura negra’, afirma Octavio Ianni. [...] Em segundo lugar, a autoria. Ou seja, a escrita proveniente de autor afro-brasileiro.(...) Um terceiro, qual seja o ponto de vista (...) É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população. (...) Um quarto componente situa-se no âmbito da linguagem, fundado na constituição de uma discursividade específica. (...) E um quinto componente a formação de um público leitor afro-descendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura.

Diante dessas concepções, situamos nesse contexto a obra *Livro do Averso: o pensamento de Edite*, da autora afro-brasileira Elisa Lucinda, que nos fascina com uma escrita

---

<sup>4</sup> Entendemos o termo militância, aqui utilizado, como uma estratégia de valorar a literatura afro-brasileira em detrimento da escrita hegemônica, desfazendo estereótipos e constructos equivocados em torno da representação do negro e da negra.

combativa, crítica e política acerca da realidade e das opressões históricas que marcam as experiências das mulheres negras mundo a fora. Lucinda, por meio de sua personagem Edite, faz reverberar as vozes de inúmeras mulheres negras, que durante décadas foram silenciadas, molestadas na alma, na identidade e em seus corpos, e assim, impedidas de fazer ecoar sua própria história.

A escritora, a partir de suas experiências empíricas, enquanto militante, artista e intelectual, nos inquieta com suas temáticas que perpassam pelas questões étnico-raciais, de gênero, de religiosidade, entre outras que marcam a vida em sociedade. Esse é o segundo romance de Lucinda e é extremamente envolvente, com estrutura não-linear, classifica-se como uma prosa-poética que nos faz rir, chorar, refletir, sofrer, reviver e, sobretudo, nos faz perceber a história feminina sob as lentes de uma mulher negra sendo contada sem autocensura, trazendo à tona as forças centrífugas como força de representação da literatura afro-brasileira.

Segundo Bakhtin (2014, p.82) “ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação”. Fazendo uma analogia, situamos o *Livro do Avesso – o pensamento de Edite* como sendo uma obra produzida nas correntes das forças centrífugas, sobretudo por romper com modelos canonizados e trazer a mulher negra para o centro da obra. Além de expressar a liberdade de criação, Lucinda (2019b, p.91) robustece um importante ponto de destaque para a valorização do sentimento feminino, quando afirma “deixe a mulher escrever seus avessos!”.

Na obra, ao identificarmos um fluxo de consciência da personagem narradora, temos a impressão de estar lendo um diário em que são revelados traços autobiográficos e questões que envolvem pessoas próximas da autora, suas escrevivências. Adotamos o conceito de escrevivência cunhado por Conceição Evaristo (2017), para quem as memórias das vivências do ambiente negro são um paradigma para o processo de escrita. Percebemos nitidamente a presença dessas escrevivências de Lucinda na obra objeto de análise neste artigo.

Elisa Lucinda nasceu em Vitória-ES e, como mulher negra, teve uma trajetória de luta e resistência, formou-se em Jornalismo, é poetisa, cantora, atriz e romancista. Filha de professor de Língua Portuguesa também trabalhou na docência no ensino primário e universitário. Em 1994, publicou seu primeiro livro de poesias *O Semelhante*. Em 1998, fundou a *Casa Poema*, em que usa a poesia falada como mecanismo para desenvolvimento da cidadania, desenvolvendo diversos projetos. Como atriz, atuou na TV, no cinema e no teatro, em inúmeros trabalhos. (MAGALHÃES, et.al.,2020).

A autora tem 18 obras literárias publicadas, entretanto, neste artigo, focaremos no livro

publicado em 2019. O processo de escrita do *Livro do Averso – pensamento de Edite* tem início quando a autora ainda estava escrevendo *Fernando Pessoa – o cavaleiro de Nada*, seu primeiro romance, publicado em 2016. Segundo Lucinda (2019a, *online*<sup>5</sup>) a escrita do livro sobre *Pessoa* exigiu bastante tempo e dedicação o que estava dificultando suas outras escritas. Segundo a autora, ela é movida pela necessidade e pelo gosto de escrever sobre tudo, e por essa razão começou a fazer anotações aleatórias, que eram diferentes até então de tudo o que vinha produzindo, e por isso foram intituladas por “Livro do Averso”. Nesse espaço, a autora sentia-se livre para escrever aquilo que socialmente, em muitos casos, não era apreciado. Ali podia registrar todos os seus pensamentos, falar sobre sexualidade, problemas sociais e tantos outros assuntos, sem nenhum tipo de julgamento, assim, deu-se a gênese da construção do livro em análise.

Neste artigo, demarcamos nosso local de fala ao estabelecermos uma interação com a obra *Livro do avesso-pensamento de Edite*, pois ao colocarmos-nos como interlocutoras, podemos estabelecer um diálogo com o texto. Desse modo, delimitamos nosso *corpus* de análise enfocando o fluxo da consciência da personagem narradora, a “Voz” que chamaremos de personagem.

Nosso percurso neste artigo pretende compreender como o fluxo de consciência da personagem narradora representa o silenciamento de vozes sociais, sobretudo de mulheres negras. Para tanto, apresentamos a leitura da obra em cotejo com a entrevista cedida pela Elisa Lucinda no lançamento do Livro do Averso, na Flipoços, em 2019. Nossas análises se ancoram nas ideias de Bakhtin e do Círculo<sup>6</sup>, numa perspectiva baseada nos estudos da Professora Dra. Beth Brait com a Análise Dialógica do Discurso – ADD.

## ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Como percurso metodológico seguido na propositura deste artigo, realizamos a leitura da obra *Livro do Averso: o pensamento de Edite* (2019b), com o objetivo de identificarmos o gênero presente no texto, sua estrutura composicional, bem como os recursos de estilística aplicados e os possíveis diálogos com as concepções Bakhtinianas, porém para além do contexto observado, fomos surpreendidas com um texto leve, não linear, que expressa toda a singularidade da escrita afro-brasileira, sobretudo, no que se refere à ótica feminina.

---

<sup>5</sup> Entrevista cedida durante o lançamento do “Livro do Averso - o pensamento de Edite” na Flipoços em 2019. Disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=-8oMgPAU6OY&t=5730s>. Acesso em: 7 nov. 2021.

<sup>6</sup> Círculo aqui entendido como as discussões e reflexões realizadas por intelectuais russos, com participação especial de Mikhail Bakhtin, Valentin Volochinov, Pável Nikoláievitch Medviédev, entre outros.

A luz da Análise Dialógica do Discurso, buscamos como nos apresenta Brait (2018, p.13), “reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam”. Nesse sentido, acreditamos que a obra se caracteriza como sendo do gênero romanesco, pelo fato da personagem principal, Edite, conduzir toda a narrativa do texto. Entretanto, Elisa Lucinda, no lançamento do livro, afirma que se trata de uma prosa-poética. Esse paralelo entre a obra e a autora foi crucial para o reconhecimento do gênero, e assim, delimitarmos nosso escopo teórico.

A partir da compreensão do gênero discursivo, observamos que esse objeto de análise possibilitava um diálogo direto com as concepções Bakhtinianas. Após a leitura atenta foi possível reconhecer o gênero, pois para Brait (2018, p.14) “descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente”, ao colocarmos-nos como interlocutoras do nosso objeto de análise, a partir da interação com o texto, verificamos que a estilística do *Livro do Avesso* de fato se ancora na prosa-poética, o interlocutor direto dessa obra são as mulheres negras descritas poeticamente, pois conforme Lucinda (2019a), “os óculos usados pela mesma ao construir a história são os óculos da poesia”.

Narrado em primeira pessoa, o livro publicado pela editora Malê no ano de 2019, possui 154 páginas, dispostas e enumeradas em 113 notas de leitura que podem ser lidas de modo aleatório expressando todo o fluxo de pensamento da autora-personagem, estabelecendo uma narrativa direta sobre as vivências de Edite, de seus relacionamentos familiares, das experiências amorosas, dos laços de amizades construídos na vizinhança e nos espaços profissionais por onde circulou. Sua escrita mantém semelhanças muito estreitas com os escritos de Conceição Evaristo, haja vista que a matéria-prima de suas obras também são as experiências femininas, ou seja, as escrevivências, como denomina a combativa escritora Evaristo.

Para Conceição Evaristo (2007, p. 21), “a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. É essa perspectiva ideológica que se manifesta e é percebida nas produções de Elisa Lucinda. A voz autoral em *Livro do Avesso: o pensamento de Edite* se apresenta como resistência e denúncia das marcas de um poder opressor, semelhante ao período colonial que solapa a existência individual e coletiva das mulheres negras. Na tentativa de romper com essa força centrípeta, que foca no ciclo vicioso e omissivo de apagamento da voz feminina e negra, a obra vem descentralizar, atuando com a força centrífuga. Para representar essa liberdade, a própria autora esclarece: “Mas no meu avesso não tem limite. Meu avesso me escuta sem cansar” (LUCINDA,

2019b, p.99). Essa escolha linguística para construir o pensamento de Edite revela essa peculiaridade de libertação e protagonismo.

Para fomentar nossa análise, assistimos ao lançamento do *Livro do avesso – o pensamento de Edite* feito pela Elisa Lucinda (2019a). Nessa entrevista, a autora explana sobre a construção da obra e dos personagens para representar suas escrituras. O diálogo entre a obra e a entrevista nos possibilitaram ter uma compreensão ativa responsiva dessa prosa-poética, a fim de apresentarmos as “análises (in)acabadas” no próximo tópico deste artigo.

Bakhtin (2014, p. 73) alude que “o romance, tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngua e plurivocal” e ao pesquisador cabe a tarefa de perceber esse repertório linguístico que se apresenta de variadas formas nessa diversidade social de vozes, mesmo em casos de um gênero romanesco que se desloca para uma estrutura de prosa-poética.

A partir desse pensamento, delimitamos como *corpus* de análise, as passagens em que a “Voz<sup>7</sup>”, eco do pensamento de Edite, aparece nessa prosa-poética. Embora a narrativa se mostre plurivocal, ou seja, com a presença de diversas vozes que reverberam ideologias do cotidiano e das memórias da mulher negra, acreditamos que a “Voz”, aqui entendida como uma personagem, é a representação de outras vozes silenciadas socialmente. Por esse critério fizemos a seleção do nosso *corpus*.

Diante desse *corpus*, com ancoragem teórica em Bakhtin, no Círculo e na Análise Dialógica do Discurso - ADD nossas análises (in) acabadas trazem concepções como gênero, plurivocalidade, discurso bivocal, o autor e a personagem e dialogismo.

## ANÁLISES (IN) ACABADAS

Organizamos nossas análises em três tópicos permeadas pelo cotejo entre passagens selecionadas da obra e da entrevista de Lucinda, com arcabouço teórico de Bakhtin e o Círculo. (BAKHTIN, 2003, 2011, 2014, 2018; BRAIT, 2018).

No item, “Diálogos entre “Livro do avesso - o pensamento de Edite”, e as vozes sociais” fizemos um panorama para situar o leitor sobre as diversas vozes que estão presentes no livro. No item, “Autora de si mesma”, apresentamos concepções de autor e personagem, a fim de caracterizar a personagem narradora da obra em análise. No item “A marca da bivocalidade no discurso da *Voz*”, reforçamos a presença da *Voz*, como uma personagem que

---

<sup>7</sup> Salientamos que “Voz” se encontra no singular, pois a entendemos como uma personagem fruto do pensamento de Edite, que estabelece um diálogo direto com as vozes sociais tanto negligenciadas pela literatura canônica.

ecoa o pensamento de Edite. Registramos, ainda, que esse fluxo de consciência aparece entremeadado nos outros tópicos também.

## DIÁLOGOS ENTRE “*LIVRO DO AVESSO - O PENSAMENTO DE EDITE*” E AS VOZES SOCIAIS

Conforme já mencionamos, a obra trata-se um fluxo da consciência da autora, as 113 notas de pensamentos de Edite são instigantes e envolvem o leitor a continuar por essa leitura primorosa, versátil e fluída, todavia a estrutura não linear permite que a leitura seja realizada por partes, sem ter que seguir a estrutura fixa de início, meio e fim. Como autora de si mesma, a personagem narradora conduz toda a narrativa de forma “autossuficiente e acabada de forma segura”, como assevera Bakhtin (2011, p.18).

Nesse sentido, explicamos no tópico metodologia a organização das nossas análises a partir da personagem “Voz”, mas inicialmente faremos um breve percurso com algumas passagens, a fim de convidar à leitura do *Livro do avesso – o pensamento de Edite*, uma vez que por apresentar essa não-linearidade é muito difícil realizar uma sinopse fiel da obra.

No primeiro pensamento, chama-nos à atenção o fato de aparecer um diálogo com uma música de Geraldo Vandré. “A música era de Geraldo Vandré e eu não cantava desde criança, achando linda e sem entender direito. Foi canção que aprendi em plena ditadura, pano de fundo de minha infância, sombra tenebrosa que baixou sobre meu país” (LUCINDA, 2019b, p.9-10). Nesse pensamento, a autora-personagem Edite dialoga com sua memória ao se lembrar de como aquela música foi importante em um período tão difícil de sua infância.

Considerando esse movimento dialógico, Bakhtin afirma que (2018, p.210):

Para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado, e ganhar *autor*, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa.

A música de Vandré pertence a um contexto específico de produção, mas na voz de Edite ela é ressignificada tornando-se outro enunciado, expressa uma posição em outro momento discursivo. Nas palavras de Bakhtin (2018, p. 09), “as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto”.

Partindo dessa premissa e adotando uma postura dialógica frente ao nosso *corpus* e ao cotejo que fizemos entre a obra e a entrevista de Lucinda, é possível estabelecer outra relação

dialógica, quanto à presença da música, entre a fala de Edite no primeiro pensamento do livro e a fala de abertura de Elisa Lucinda no lançamento do livro na *Flipos*, 2019.

No livro, a música de Vandrê aparece no primeiro pensamento. No lançamento da obra, Lucinda iniciou cantando, pois afirma que gosta de começar com música. Inferimos que esse estilo de escrita remete à ancestralidade negra, a música tem essa representatividade, além de nos sensibilizar e possibilitar diferentes sinapses, levando-nos ao pensamento e à reflexão.

Ainda enfatizando a temática da negritude, destacamos o pensamento em que a personagem estabelece uma relação dialógica com a morte de Nelson Mandela.

O homem nutriu de fundamentos dentro da cadeia o seu critério de justiça para todos. Pensou um projeto politicamente generoso de integrar uma nação partida ao meio. Ai, ai, às vezes meu pensamento parece pensamento de jornalista. Mas só às vezes. Me aborrece tanto que o jornalismo brasileiro, em geral, esteja sofrendo de falta de coragem. Ai, ai, me solte pensamento. Quero gritar alto pelas ruas de Johannesburgo: Mandiba! Mandiba! Mandiba! (LUCINDA, 2019b, p. 88)

O trecho acima destaca a generosidade de Nelson Mandela e em seus projetos para buscar uma igualdade social, inibindo a segregação racial. Edite como uma representante da mulher negra destaca a importância desse grande líder e na tentativa de uma aproximação, exprime seu desejo de gritar o apelido de Mandela pelas ruas de Johannesburgo.

Destacamos ainda outra relação dialógica, Edite afirma “ai, ai, às vezes meu pensamento parece pensamento de jornalista”, dialogando com a biografia de Lucinda que é jornalista. Na voz de Edite demarca-se uma posição valorativa “Me aborrece tanto que o jornalismo brasileiro, em geral, esteja sofrendo de falta de coragem”. Essa voz sugere uma crítica contundente às forças centrípetas da esfera jornalística, centralizando as informações, ou noticiando conforme interesses particulares, parece-nos que falta coragem para utilizar esse meio como forma de descentralizar ou denunciar.

No plano da criação a autora-personagem enuncia “Ai, ai, me solte pensamento”, como se ela mesma estivesse repreendendo sua consciência, recurso que ela usará com a personagem “Voz” objeto de análise neste artigo.

Outro ponto que destacamos foi a forma como a personagem narradora traz a ancestralidade. Em seu ato de criação, a autora faz reverberar uma voz interna que acompanha Edite. Na nossa ótica, essa voz representa as inúmeras vozes da sua ancestralidade que foram silenciadas: “ouço essas vozes, ralam desde longe comigo, acho que é eco da infância. Da minha vó herdei uma voz que escuto e que ainda briga comigo. Da minha mãe, herdei vozes

que escuto, atendo e canto. E fofoco também.” (LUCINDA, 2019b, p.31). Ao remeter-se às memórias da infância, notamos a presença do discurso autoritário e do discurso interiormente persuasivo de Bakhtin. “A palavra autoritária exige de nós o reconhecimento e a assimilação, ela se impõe a nós independentemente do grau de sua persuasão interior [...] a palavra autoritária, numa zona mais remota é organicamente ligada ao passado hierárquico”. (BAKHTIN, 2014, p.143).

Esse discurso autoritário presentifica-se na fala da avó, “Da minha vó herdei uma voz que **escuto** e que **ainda briga** comigo”. É um discurso “quase solitário”, em que ela escuta, mas não tem direito de resposta, é tão autoritário que **ainda briga** com ela, segue a hierarquia.

Em contrapartida o discurso da mãe tem um caráter, interiormente persuasivo. Ao referirmos à passagem, “Da minha mãe herdei vozes que **escuto, atendo e canto. E fofoco também**”, nos sustentamos em Bakhtin quando afirma que

No fluxo da nossa consciência, a palavra persuasiva interior é comumente metade nossa, metade de outrem. Sua produtividade criativa consiste precisamente em que ela desperta nosso pensamento e nossa nova palavra autônoma, em que ela organiza do interior as massas de novas palavras, em vez de permanecer numa situação de isolamento e imobilidade. (BAKHTIN, 2014, p. 145-146)

Nessa perspectiva, a voz da mãe, apesar de sua autoridade, é ouvida e atendida, e, ainda oferece a possibilidade de resposta, seja por meio do canto ou da fofoca, ou seja, essa voz permite uma postura dialógica.

Como afirmamos anteriormente, esses pontos que expusemos e julgamos importantes para serem destacados fazem parte da obra em uma análise holística. Passaremos agora a descrever o surgimento da personagem *Voz* e como ela atua na prosa-poética, para diferenciá-la das outras vozes, neste artigo optamos por demarcá-la pela letra maiúscula e em itálico.

A partir da nota de pensamento número 06, a autora-criadora nos apresenta a *Voz* que fala com Edite, às vezes em tom de reprovação, às vezes em tom de conselho ou de reflexão. Essa *Voz*, aqui entendida como uma personagem, aparece na obra em 30 diferentes momentos desse fluxo de consciência da personagem narradora. Debruçaremos agora sobre esse recorte de análise com base no escopo Bakhtiniano.

A teoria da arte de Bakhtin pouco se ocupa de regras prescritivas de diretrizes e de problemas “artísticos” particulares como a simetria e harmonia (questões técnicas que, aparentemente, são dadas como resolvidas). No mundo de Bakhtin, uma obra de arte deve satisfazer os mesmos critérios que governam os demais eventos criativos. Deve ser singular (isto é, única e não

sistematizável); “responsiva” (“assinada” por seu autor ou beneficiário responsável); “participatória” (orientada para outra consciência, merecedora de resposta; e sua execução deve ser assumida com um espírito de “amor ao estético”. A condição que torna possíveis todos esses atributos é a exterioridade. (EMERSON, 2003, p. 253).

Coadunando com os princípios expostos por Emerson (2003), inicialmente entendemos que a personagem *a Voz*, trata-se de um importante construto da prosa-poética de Lucinda, por meio da personagem *Edite* que elabora uma resposta às nefastas estruturas de opressão, responsáveis pela exclusão e a invisibilidade em que as mulheres negras historicamente são submetidas. Em uma análise superficial, nos parece um ato monológico, entretanto, com um olhar mais atento, mais sensível percebemos que o texto refrata a manifestação de um discurso combativo, que se opõe aos preconceitos e as incontestáveis dificuldades enfrentadas pelas mulheres, em especial as negras. Por isso que o discurso da *Voz* decorre de uma necessidade de uma atuação “participatória”, pronta para suscitar respostas que dialogam tanto com *Edite*, quanto com o leitor do texto.

Dentre as mais variadas possibilidades de análise, visto a riqueza da obra, para o presente estudo, pautar-nos-emos na observância do fluxo de consciência expressado na narrativa como a *Voz*, pois como toda a obra se constrói sob o ponto de vista de *Edite*, ora a mesma apresenta situações autobiográficas, ora ela rememora fatos ocorridos com pessoas conhecidas, para algumas falas da narradora sempre há o diálogo estabelecido com a *Voz*, “falo para a minha criaturinha, a menina que mora dentro de mim” (LUCINDA, 2019b, p.15), e percebemos que na interação posta entre *Edite e a Voz*, sempre há uma resposta, “às vezes a *Voz* fala comigo. Ralha, mima e depois me bota pra dormir” (LUCINDA, 2019b, p. 19).

Desse modo, o presente artigo apresenta como materialidade discursiva as relações dialógicas estabelecidas entre a personagem *Edite* e sua consciência descrita no texto como *Voz*. Teceremos considerações quanto aos fios discursivos presentes no apagamento das Vozes negras femininas, proveniente do racismo estrutural, oriundo do período escravocrata, da ausência de políticas públicas eficazes, da ineficiência e da omissão de um Estado que, em muitos casos, finge não enxergar a desigualdade brutal que inferioriza e subordina parcela significativa da população brasileira.

Acreditamos que esse pressuposto pode ser identificado na obra no pensamento 22 quando a personagem narradora relembra a forma carinhosa como seu namorado Lírio a chamava, “Minha Afro Dite”, nesse momento *Edite* se vislumbra ao perceber que a associação das duas palavras remetia à deusa Afrodite, ela brinca que está “levando rasteira ou ensinamento dos sentidos” (LUCINDA,2019b, p.34), uma vez que poucas pessoas associam Afrodite ao

negro. Nesse momento da narrativa a “Voz” ecoa e fala para Edite “(E rasteira de mim também sua doida: Afrodite é grega)” (LUCINDA,2019b, p.34).

Corroboramos que nessa passagem, a “Voz” representa um silenciamento social, como se ela não pudesse ser comparada à deusa da beleza por ser negra. Tal contexto reverbera na Voz uma posição social de outras vozes, uma vez que:

(...) essas unidades do discurso interior espécie de *impressões totais* dos enunciados, estão ligados entre si e alternam-se não de acordo com leis gramaticais ou lógicas, mas segundo as leis da *correspondência valorativa* (emocional), de *enfileiramento dialógico* etc., dependendo estreitamente das condições históricas da situação social e de todo o decorrer pragmático da vida. (VOLOCHINÓV, 2017, p. 136).

Esse discurso interior da Voz sugere o reflexo de discursos exteriores ouvidos e marcados socialmente, que criam estereótipos de beleza, “como se as rodeássemos com outras palavras e as situássemos em um lugar especial no fluxo discursivo geral da nossa consciência” (VOLOCHINOV,2019b, p.313). Esse ecoar de discursos, a partir da consciência, marca fortemente a presença do racismo estrutural que cria padrões sociais e de beleza.

Mas esse apagamento social é contestado pela personagem narradora “Alguém te perguntou alguma coisa, alguém te chamou aqui, Dona Voz? A deusa é minha e escrevo o que eu quiser. Mas o que importa mesmo agora é o que eu sou. AAfro Dite dele” (LUCINDA,2019b, p.34) representando, assim, a força centrífuga que deseja descentralizar ideologias que têm sido fortemente combatidas em nossa sociedade.

A interação que existe entre a Voz e Edite não se dá de forma orquestrada e metódica, mas sim frente a situações narradas pela autora que refratam o pensamento crítico e reflexivo de ambas,“(Ah, corta essa Ditinha, que tu não tá com essa bola toda não. Até parece que toda hora tem homem atrás de você!!! Deixa de inventar amores, mulé, vai caçar trabalho). Até então eu achava que isso era trabalho...Bem-feito para a Voz” (LUCINDA, 2019b, p.48), sobretudo frente às questões sociais, demonstrando um conhecimento consolidado acerca de seu pertencimento étnico racial, sua militância e sua experiência na condição de mulher negra.

Entendemos que é por meio da palavra enquanto *signo* ideológico que podemos vislumbrar a completude dialógica do discurso da Voz, bem como, todo discurso de resistência que apresenta, pois, concordando com Bakhtin (2018, p.176), “a palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz”. É nesse sentido que a Voz se posiciona discursivamente no texto, ela faz ressoar outros discursos por meio de sua crítica.

Acreditamos que esse ressoar de outros discursos aparece também no pensamento 68, quando Edite está descrevendo o aparecimento de Valentim, que de tão lindo parecia um personagem inventado. Nesse momento a *Voz* vem com uma marca de silenciamento: “(Edite, Edite, que história é essa agora? Nem tudo é literatura. Que aflição! Viver é uma coisa, escrever é outra! Ditinha, você mistura tudo. Depois nem você vai saber o que é verdade e o que é invenção)” (LUCINDA, 2019b, p.91). Nesse momento, estabelecemos um diálogo com as dificuldades enfrentadas por escritoras negras para divulgarem sua literatura e serem aceitas socialmente. A *Voz* vem como um eco social que deseja repreender a literatura canônica e salientar a literatura afro-brasileira como manifestação artística e cultural.

### AUTORA DE SI MESMA

No texto *O autor e a personagem*, escrito em 1924, Bakhtin desvela toda a complexidade que está contida em dois importantes participantes de uma prosa romanesca: o autor e a personagem. Percebemos que na primeira linha da obra, o filósofo russo conceitua a relação existente entre o autor e a personagem, que para ele “é arquetonicamente estável e dinamicamente viva” (BAKHTIN, 2011, p. 03). Ou seja, tudo o que envolve ambos têm uma arquetônica de dizer, de se constituir e principalmente de composição, entendemos que um não pode se constituir sem o outro, e sim um responde ao outro.

Em *Livro do avesso: o pensamento de Edite* (2019), verificamos que o texto de Lucinda se aproxima muito da teoria bakhtiniana, visto que a construção de uma personagem se dá em razão de uma resposta aos vários perfis de pessoas as quais o autor já estabeleceu uma relação dialógica, e isso pode influenciar em cada aspecto de sua construção. Salientamos ainda que enquanto literatura afro-brasileira um dos principais traços de escrita é o protagonismo da mulher negra e o olhar para o cotidiano vivenciado por ela mesma; tal construto compõe toda a temática que alicerça essa literatura.

Ao buscarmos pela compreensão do processo psicológico de criação autoral, Bakhtin (2011) aponta que o autor ao compor o universo do personagem centra na obra de arte, ou seja, nas características, enredo, estrutura composicional que envolvem o todo do personagem e não nas do próprio autor. Nesse sentido, o autor não se trata de um membro da obra e sim de toda a energia que emana a criação. Ao percorrermos a obra de Lucinda, entendemos que Edite possui inúmeras características que poderiam ser atribuídas a Lucinda, a de ser mulher negra, que milita fortemente em busca do respeito racial e da igualdade de direitos, ficando complexa a definição de distância entre a autora e a personagem.

Para Bakhtin (2011), quando o distanciamento entre o autor e a personagem se perde em uma obra, podemos entender que ou “a personagem assume o domínio sobre o autor, ou o autor se apossa da personagem”, ou a personagem se torna “autora de si mesma”. O importante nesses casos é que se deixe marcada a posição axiológica da personagem, pois é isso que auxiliará na construção da noção de acabamento estético, pois em todo o caso a relação de alteridade é primordial, visto que não há a noção de acontecimentos e acabamento estético de modo monológico.

Diante do exposto, aludimos aos traços que compõem a estética criacional de Edite às características dispostas como a personagem sendo “autora de si mesma”, que para Bakhtin (2011), “aprende sua própria vida esteticamente, parece representar um papel”; Edite representa a força da mulher negra que vive nas periferias brasileiras procurando amar, ser amada e fiel aos seus princípios. Na obra, encontramos uma autora-personagem aguerrida que se posiciona frente a temas polêmicos como a sexualidade feminina, relações de trabalho e principalmente aos constantes casos de violações de direitos sociais sofridos pelas mulheres negras. Porém, toda a prática denunciativa da obra é arraigada de ironia e humor, o que transforma em uma leitura leve, contextualizada e engajada. “A ação do herói do romance é sempre sublinhada pela sua ideologia: ele vive e age em seu próprio mundo ideológico (não apenas num mundo épico), ele tem sua própria concepção do mundo, personificada em sua ação e em sua palavra” (BAKHTIN, 2014, p. 137).

Edite enquanto heroína é autorizada a circunscrever sua narrativa como tal por Lucinda, de modo axiologicamente responsivo e vibrante frente a uma temática que poderia ser considerada como opressora, mas que engendra em sua gênese o bom humor, a sátira e alegria, simbolicamente organizados nesse sentido como resistência e forma de demonstrar o engajamento da literatura feita por mulheres negras.

## **A MARCA DA BIVOCALIDADE NO DISCURSO DA VOZ**

A principal marca da bivocalidade no discurso é a possibilidade de vislumbrarmos intenções, valorações e posicionamentos axiológicos diferentes em uma mesma linguagem, sendo para Bakhtin (2014, p. 127), “a intenção direta do personagem que fala e a intenção refrangida do autor”. Ao analisarmos tais construções discursivas faz-se necessário marcar o posicionamento ideológico apresentado, haja vista que se trata de um discurso com vozes que agem como se estabelecessem diálogos diferentes.

No ensaio o *Plurilinguismo no Romance* (2014), Mikhail Bakhtin nos aponta que na

prosa, devido à estratificação da linguagem, ou seja, suas diferentes manifestações discursivas, nem sempre temos a materialidade dessa bivocalidade, visto que a palavra é atravessada constantemente por discursos de *outrem*. Portanto, em muitos casos, a bivocalidade ao expressar a língua viva se funde à consciência linguística do autor, o que faz com que o discurso possa ser também internamente dialogizado.

Já em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2018), Bakhtin nos detalha o discurso refletido do outro, em que temos a polêmica interna que é voltada ao discurso hostil do outro; a polêmica velada que em seus traços são linguísticos como a entonação e a sintaxe. Bakhtin destaca que na obra de Dostoiévski o discurso do outro tem uma grande importância, por isso a multiplicidade de vozes triunfa.

Trazendo tais conceitos para a prosa poética de Lucinda (2019b), no trecho, “(Oh, Ditinha, você desculpa eu me meter, eu sou só uma simples voz, nem sempre sou ouvida aqui, mas não posso me omitir...)” (LUCINDA, 2019b, p.101), verificamos que a *Voz* visa persuadir a opinião de Edite, lançando um contraponto em tom valorativo de discordância com o posicionamento axiológico da narradora personagem.

Aproximando tal fragmento à lente do conceito bakhtiniano de discurso bivocal, fica evidente a presença da polêmica aberta, a qual “está simplesmente orientada para o discurso refutável do outro, que é o seu objeto” (BAKHTIN, 2018, p. 224). Nesse sentido, consideramos alguns pontos no trecho acima citado em que a *Voz* fala com Ditinha: i)O uso dos parênteses no texto, em todas as falas da *Voz* marcam certo distanciamento da fala de Edite; ii)Ao iniciar a frase com a interjeição *oh*, precedida pelo vocativo *Ditinha*, destaca o grau de intimidade entre a *Voz* e Edite; iii) No fragmento, *eu sou só uma simples Voz*, o advérbio *só* caracteriza o verbo *ser*, na 1ª pessoa do presente do indicativo, reforçando a ideia de proximidade com a autora personagem; iv)Contudo na última oração a conjunção adversativa *mas*, apresenta relação de oposição ao discurso apresentado.

Com a presente análise, percebemos que esse discurso de polêmica aberta demonstra que a narradora personagem pretende contrapor ao discurso social que silenciou várias vozes, sobretudo a de mulheres, ao longo dos tempos. Essa contraposição reforça o papel ativo e engajado da narradora ao evitar a banalização da voz da mulher negra, marcada pelas palavras: *só, simples e desculpa*. Além disso, ela se opõe a todo apagamento identitário sofrido desde o movimento diaspórico brasileiro até os dias atuais e, identificamos ainda a segunda voz presente no discurso, a que Bakhtin denomina como *transgrediente*, por romper com paradigmas e avançar. Essa *Voz* marcada estilisticamente pela escolha da conjunção *mas* e logo a frente pelo verbo no infinitivo *omitir*, demonstra a forma de resistência presente na arquitetônica da mulher

negra, que remete a toda a sua ancestralidade e busca pelo protagonismo feminino.

A *Voz* também apresenta um outro tipo de discurso bivocal, também de modo ativo, o da polêmica interna, que Bakhtin (2018, p.25), conceitua como “esse tipo de discurso se torce na presença ou no pressentir a palavra, a resposta ou a objeção do outro [...] é determinada consideravelmente pela sua capacidade inata de sentir a palavra do outro e os meios de reagir a ela”. Além de ser preparado para a resposta do outro, ele se molda e se organiza em contraposição as objeções pressentidas e percebidas.

Lírio é um homem que gosta de ficar quieto no seu canto por uns tempos. (Ai, ai, deixa os outros, Ditinha, que besteira! O que é que você tem com isso? Vai cuidar da sua vida! Me diz, Ditinha, sua vida está certa? Pare de reparar na vida dos outros!) (LUCINDA, 2019b, p. 30).

Ao tentar iniciar uma observação acerca dos gostos do personagem Lírio, Edite, imediatamente foi advertida por uma resposta da *Voz*, frente à situação em que se encontrava. Tal reação da personagem *Voz* fora antecipada em virtude da relação dialógica estabelecida com o discurso de Edite e de modo a se opor, sua reação originou um posicionamento de discordância com a narradora do texto.

Percebemos pelo uso de enunciados interrogativos o grau de insatisfação da *Voz* para com *Edite*, ao questionar aspectos da vida da personagem, como por exemplo, se *sua vida estava certa*, e ainda nos enunciados exclamativos quando utilizou os verbos *vai* na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo e *pare* que estava flexionado na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, para propor uma nova postura a ser tomada pela narradora na tentativa de influenciar nas decisões dela mesma.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NUNCA FINAIS

Ao revisitarmos o percurso de análise, notamos que as concepções de relações dialógicas de Bakhtin estão presentes no *Livro do Averso* de forma latente, mostrando-nos que nesses diálogos há a representação de diferentes vozes sociais. Ao escolhermos a personagem *Voz* como foco da análise percebemos que por suas características peculiares, ela em alguns momentos representa o silenciamento de vozes sociais, sobretudo de mulheres negras, e, em outros ela também se torna ativamente responsável por trazer questionamentos, por militar, questionar e se posicionar axiologicamente.

Essa obra reflete e refrata a vida de muitas mulheres que são oriundas de uma sociedade opressora, marcada pela força centralizadora a que Bakhtin chama de centrípeta, que insiste em

propagar o racismo estrutural, e a literatura afro-brasileira e a obra em análise de Elisa Lucinda vêm como uma força descentralizadora, que desestabiliza, a que Bakhtin chamou de força centrífuga, buscando romper com esse racismo, denunciando e permitindo que vozes silenciadas possam ser ouvidas.

Compreender responsivamente e analisar essas escrevivências de Lucinda foi possível, porque essa obra está mergulhada na vida, a compreensão se dá pelo reconhecimento de vivências de mulheres negras enfocadas pela memória de forma estética. Ao realizar as escolhas linguísticas, a construção da personagem e dar o acabamento à obra, Elisa Lucinda se vale da literatura afro como uma forma de não mais silenciar as diversas vozes femininas e nos convida a um papel ativo e de engajamento.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. port. Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **O discurso no romance**. In Questões de literatura e de estética: A teoria do romance. 7º Edição. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **A pessoa que fala no romance**. In Questões de literatura e de estética: A teoria do romance. 7º Edição. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas na Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2018

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin – Outros conceitos chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.31, p.11-23, jan/jun. 2008.

EVARISTO, Conceição. Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017

EVARISTO. 2007. “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”. Marcos Antônio Alexandre, org. **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007

LUCINDA, Elisa. Lançamento do livro na FLIPOÇOS, 2019 (a). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-8oMgPAU6OY&t=6017s>. Acesso em: 7 nov. 2020.

LUCINDA, Elisa. **Livro do avesso - o pensamento de Edite**. Rio de Janeiro, Editora Malê, 2019 (b).

MAGALHÃES, Daiane Soares *et.al.* Elisa Lucinda entre o verbal e o não verbal: afirmação e resistência de uma mulher negra. In: Revista RBBA Vitória da Conquista V. 9 n° 1 p. 290-303 Julho/2020

VOLOCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Estilística do discurso literário III: a palavra e sua função social.** In: A palavra na vida e a palavra na poesia. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e EkaterinaVólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

*Recebido: 29/08/2021*  
*Aprovado: 16/02/2022*